



PAPERS 6

Dream, Body Event?

(Multilingual)

**Action Committee of the School One
2018-2020**

Lucíola Macêdo (EBP)

Valeria Sommer-Dupont (ECF)

Laura Canedo (ELP)

Manuel Zlotnik (EOL)

María Cristina Aguirre (NLS)

Paola Bolgiani (SLP)

Coordinator: Clara María Holguín (NEL)

Translation Team

Coordinator: Valeria Sommer-Dupont

Responsible Translation: Silvana Belmudes

Responsible Translation revision:

Melina Cothros

Edition – Graphic Design

Secretariat: Eugenia Serrano / Partners:

Daniela Teggi - M. Eugenia Cora

CONTENTS

EDITORIAL, Lucíola FREITAS DE MACÊDO.	03
1- Sergio LAIA (A.E.) / Um sonho e sua interpretação como <i>“real de um efeito de sentido”</i>	07
2- Oscar VENTURA - ELP / Cuando el sueño despierta Un Cuerpo.	10
3- Dominique HOLVOET - ECF / Un événement de corps rêvé.	14
4- René RAGGENBASS - NLS / Le trou du rêve.	18
5- Esteban KLAINER - EOL / El sueño ¿interpretación acontecimiento?	22
6- Elisa ALVARENGA - EBP / Sonho, recusa do corpo ou acontecimento de corpo?	26
7- Marcela ALMANZA - NEL / Sueño y acontecimiento. Un cuerpo.	29
8- Carlo DE PANFILIS - SLP / Un buon uso del sogno come evento di corpo.	33
9- María Hortensia CÁRDENAS (A.M.E.) / Lo real del sexo pone límite a la interpretación.	36

Editorial

Lucíola FREITAS DE MACÊDO

Os textos que compõem este número de *Papers*, um a um e em seu conjunto, ampliam o horizonte das questões em torno da interpretação e do uso do sonho na experiência analítica, abrindo-lhes novas perspectivas, uma vez que interpretação e uso serão aqui examinados a partir do acontecimento de corpo. Há uma questão extraída das elaborações dos autores desta edição que perpassa a *experiência Papers* desde o primeiro número publicado: o que o uso do sonho no tratamento lacaniano esclarece sobre o laço entre inconsciente transferencial e inconsciente real?

Este número nos brinda, ainda, com um achado que por não estar contido nas premissas, surpreende! Encontramos de modo expressivo nos textos que se seguem elaborações que conferem legibilidade às relações entre sonho, acontecimento de corpo e despertar. Isto nos permite inferir que uma leitura do sonho a partir do acontecimento de corpo tem 'efeitos de despertar'!

Tal assertiva, deduzida do conjunto dos textos, nos reenvia também às perguntas que colocaram os autores a trabalho: de que maneira uma interpretação confere legibilidade ao acontecimento de corpo, quer este se desprenda diretamente do tecido do sonho, ou ganhe legibilidade a partir de uma intervenção do analista? Quer transcorra no curso de uma análise, ao seu final, ou no espaço do ultrapasse? Como opera, neste campo, o desejo do analista?

Abrimos este número de *Papers*, com um texto de **Sérgio Laia (EBP)**, convidado a escrever sobre um sonho memorável no curso de sua transmissão como AE. Ele testemunha, a partir de uma interpretação do analista, do laço entre inconsciente real e inconsciente transferencial, sob a égide *do real de um efeito de sentido*. Sem dispensar as palavras, desmontando-se fonicamente a

trama onírica, foi possível abalar as defesas da neurose, esvaziando-se a voz do supereu materno ao qual encontrava-se submetido, justo no ponto onde o sonho o confrontava com a angústia e o fora de sentido, sem que antes pudesse bem dizê-los em sua dimensão real.

Oscar Ventura (ELP) nos convida a examinar a partir de que tipo de experiência do sujeito é possível pensar o sonho como um acontecimento de corpo. Haveria aí uma abolição do inconsciente transferencial em benefício do inconsciente real? Se caminharos pela via do deciframento e da verdade estaremos distantes deste tipo de experiência? Com o recurso a um sonho conclusivo extraído de seus testemunhos de passe, nos convida a mantermos presente o paradoxo que implica o relato do sonho em análise, uma vez que em seu próprio tecido significante é possível ler o “ponto de fuga”, o “declive do Outro”, condição necessária para que se produza uma passagem do campo do Outro do significante, ao corpo como Outro.

Com **Dominique Holvoet (ECF)**, seguimos na trilha das torções fecundas, guiados por uma rara espécie de “porosidade”, por um “quase nada” que se forja na letra do texto, entre sonho, despertar, acontecimento de corpo e desejo do analista. O desejo do analista é o operador fundamental a partir do qual o acontecimento de corpo, mobilizado pelo trabalho de leitura de um sonho recorrente é também o suporte para a construção e “desmontagem” da fantasia pelo falasser. No lugar da fantasia, uma vez atravessada, advém um acontecimento de corpo. Com o sonho final formula a hipótese de que o acontecimento de corpo onírico seja um representante da representação que falta. Não há representação da falta, é isto o que o acontecimento de corpo onírico veio a recobrir, permitindo-lhe cernir um real, uma vez que não é possível nomeá-lo. Assim, sonho e despertar articulam-se a acontecimento de corpo e desejo do analista, como representantes da representação que não há, justo no ponto em que o despertar coincide com o real como impossível.

René Raggembass (NLS) se propõe, sob o ângulo do despertar, a investigar sonho e acontecimento de corpo como dois campos heterogêneos e articulados. De um lado está o acontecimento de

corpo, anterior ao inconsciente, próximo ao umbigo, ao “oco do sonho”. De outro, o sonho como tradução imaginarizada do acontecimento de corpo, passagem do inconsciente real ao inconsciente transferencial. Nesta direção, e quiçá operando-se uma torção entre estes dois campos heterogêneos, apontará ao significante novo como agente de um despertar.

Podemos pensar os fenômenos de corpo, inclusive os afetos corporais em jogo nos sonhos, como acontecimentos de corpo? O que diferenciaria estes afetos em jogo nos sonhos, de um acontecimento de corpo? A interpretação que um sonho produz poderia situar-se no mesmo nível que o sintoma como acontecimento de corpo? A partir do relato de um sonho de um sujeito em análise, e de um sonho extraído de um testemunho de passe, **Esteban Klainer (EOL)** aponta o ponto nodal entre um fenômeno de corpo no sonho e o sonho como acontecimento de corpo: no caso do acontecimento de corpo, o gozo fálico cede terreno em benefício do outro gozo. O efeito corporal vivificante que aí se experimenta, advém de um enodamento ao outro gozo. Nesta mesma direção, esclarece que o sonho como acontecimento de corpo põe em jogo a função do *Witz*, quando este carece de valor fálico. Assim, o sonho poderá fazer-se um instrumento do despertar.

E quanto aos fenômenos de corpo enraizados em uma recusa do corpo, que na histeria estão na base da complacência somática, em que estes se diferenciam de um acontecimento de corpo? **Elisa Alvarenga (EBP)** avança na elucidação desta questão postulando que assim como o sintoma tem sua face de verdade e sua face de gozo, o sonho tem uma dimensão de verdade, que poderá se apresentar como recusa do corpo, e também de acontecimento, que toca o gozo do corpo. Para demonstrá-lo, recorre a um contraponto entre dois sonhos. O primeiro, índice de uma recusa do saber do Outro, permite, a partir de uma interpretação do analista, que o inconsciente transferencial seja posto em movimento e a analisante consinta com o discurso do inconsciente. No segundo, relatado pelo mesmo sujeito no espaço do ultrapasse, o fora de sentido se converte em instrumento de um despertar. Apontando ao inconsciente real,

assinala o afrouxamento da identificação a um S1 que ao reiterar, passará a ser lido diferentemente: “o *falasser* solta as amarras do sentido e se aventura em uma nova relação com o furo”.

O percurso de uma análise está marcado, do início ao final, pela experiência de *um corpo* que, sob transferência, sonha. Mas é sobretudo no momento conclusivo de uma análise, argumenta **Marcela Almanza (NEL)**, quando a via do “querer dizer” se arrefece e as significações fantasmáticas declinam, que a articulação entre sonho e acontecimento de corpo torna-se passível de *leitura*. Extraindo uma passagem de um testemunho de passe, demonstra como um sonho como acontecimento de corpo, em seu ponto de máxima redução de sentido, terá como efeito um despertar.

Carlo De Panfilis (SLP) elucida como o uso de um sonho - acontecimento de corpo do *falasser* - será condição para que se realize um momento de passe. Recorrendo a um testemunho de passe, indica que esta passagem será franqueada através de um *Witz* forjado na cena do sonho. Neste caso, o sonho é o agente da passagem do acontecimento de corpo ao *Witz*, e a percussão do trauma em sua vertente supergóica poderá dar lugar não mais à impotência, mas ao que se forja pela via da letra e das marcas de *lalingua* sobre o corpo, com a invenção de um significante novo.

Fechamos este número de *Papers* com o texto de **María Hortensia Cárdenas (NEL)**, convidada enquanto AME a escrever sobre o uso do sonho em sua prática. Seu texto nos convoca a avançar no trabalho sobre um tema crucial - os sonhos nas psicoses - a partir de uma questão incontornável: podemos falar de despertar nas psicoses?

Uma ótima leitura!

Um sonho e sua interpretação como “real de um efeito de sentido”¹

Sérgio LAIA- A.E.

Meu corpo, cansado devido ao trabalho, é um resto diurno invertido e deslocado, em um sonho, para meu então analista. Deitado em um divã, era o corpo do analista que, após trabalhar, aparecia descontraído e, nos sentidos literal e figurado da expressão, “coçando o saco”. Essa descontração viril me surpreende ao me evocar o quadro *O nascimento de Vênus*, pintado por Cabanel: do teto sob o qual estávamos – diferente do que baila no céu azul do quadro – se insurgia não os anjos, mas um pássaro que, apesar de assustar-me, parecia-me uma gaivota. Como no prenúncio do supereu materno no filme *Os pássaros*, essa gaivota voava ferozmente rumo a mim e ao analista. Uma intensa angústia me era despertada quando o antebraço do analista se levantava, com o punho cerrado, como no gesto de “dar uma banana”, com todas as suas conotações fálicas, para enfrentar e, ao mesmo tempo, provocar aquele pássaro.

Equívoco e interpretação

Ao relatar tal sonho, destaco a homofonia que me parecia existir, em francês, entre “gaivota” (*moeutte*) e “muda” (*muette*), esse adjetivo com que minha mãe designava sua submissão silenciosa diante da ferocidade de meu pai, mas que eu havia descoberto, em análise, como uma terrível estratégia de domínio materno. Surpreendo-me com a correção do analista dizendo-me que apenas um estrangeiro à língua francesa poderia escutar *mouette* e *muette* como homofônicos. Aludindo à angústia que me despertava seu gesto viril frente à gaivota, associo tal ato à defesa que eu fazia da mãe enfrentando e

¹ LACAN, J., Séminaire XXIII: R. S. I. Leçon du 11 février 1975, *Ornicar?*, Paris, n. 4, p. 96.

provocando o pai. Escuto, então, a seguinte interpretação: “*Tais-toi, surmoi maternelle!*”, “Cala-te, supereu materno!”.

Nessa interpretação, a incidência do falo no enfrentamento do domínio materno aparece como dimensão fônica que fura e perpassa o que antes se dava a ver para não se fazer escutar. Afinal, o que me aparecia oniricamente como “teto” (“*toit*”) passa a ressoar em “cala-te” (“*tais-toi*”) e, por essas desmontagens fônicas, escuto a voz do supereu ocultada tanto no meu equívoco de forçar uma homofonia entre *moeutte* (“gaivota”) e *muette* (“muda”), quanto em toda dimensão pictural e cinematográfica do sonho.

Real e sentido

O inconsciente-intérprete – forçando equivocadamente a homofonia *mouette-muette* ou nas evocações pictórico-cinematográficas – procurava aludir ao fora de sentido. Porém, esse fora de sentido reduzia-me à incompreensão e à impotência, deixando-me refém de uma proliferação de nomes e de imagens pela qual o sonho se estendia à realidade da associação livre sem abalar as defesas responsáveis pela sonolência da neurose frente ao real. Assim, tal sonho me fazia confrontar com o fora de sentido, mas sem que eu pudesse efetivamente bem dizê-lo em sua dimensão real. O único sinal do real na trama onírica era minha própria angústia frente ao ato-gesto-falo do analista para a gaivota. Porém, por me parecer colocar-nos em risco, eu tendia a descartar esse ato-gesto-falo como indevido, inclusive por associá-lo às minhas precipitações nas brigas conjugais de meus pais.

Ao contrário, a interpretação *Tais-toi, surmoi maternelle!* se vale do inconsciente-real ao desmontar fonicamente a trama onírica, fazendo-me ler de outro modo o gesto-ato-falo que me angustiava tanto quanto me tentava. Com ela, fui convocado a não me deter diante da angústia na qual me enredava o domínio materno. Verificasse, nessa interpretação, como o que não ressoa como sentido não é propriamente avesso ao sentido porque se coloca como “o real de um efeito de sentido”²: desmontando fonicamente o que se encenava em

² *Ibid.*

PAPERS 6 / Um sonho e sua interpretação como *“real de um efeito de sentido”*

um sonho, ela não se acrescentou como um significante à trama onírico-significante e, sem dispensar as palavras que o compunham, passou a apontar-me um sentido pelo qual, por uma espécie de furo, toda a dimensão medonha (e estética!) do sonho se esvaiu com os equívocos que ela me fez escutar.

Cuando el sueño despierta Un Cuerpo

Oscar VENTURA - ELP

¿Desde qué tipo de experiencia del sujeto podemos pensar el sueño como un acontecimiento del cuerpo?

Si abordamos en primera instancia los sueños y su función clínica desde la perspectiva clásica, es decir, como una de las formaciones privilegiadas del inconsciente, "su vía regia", encontramos inmediatamente la analogía con un jeroglífico, con un enigma a descifrar que nos remite al campo de la interpretación, cuyo desciframiento hace consistente un sentido que él ocultaba. Y las consecuencias de ello se escriben con el *revela-miento* de una verdad.

Esta dimensión del uso del sueño sigue siendo habitual en la experiencia clínica, en la que el texto mismo del sueño, su relato bajo transferencia, entraña ya su interpretación. Es habitual que el sujeto mismo le adjudique al sueño un sentido, va implícito. Pero al mismo tiempo debemos reconocer que en el relato del sueño un punto de fuga se hace presente. Este punto de fuga, este declive del Otro en el escenario del sueño es una condición de posibilidad para otorgarle un valor que se inscriba más allá del desciframiento. Es en este territorio del "ombligo del sueño" donde algo de otro orden puede resonar en el cuerpo. ¿De qué manera puede esto ocurrir?

Es importante precisar que la dimensión del inconsciente transferencial no implica su abolición en beneficio del inconsciente real. Tendría alguna consistencia, me pregunto, una clínica que no se desencadenaría a partir del despliegue de una construcción significativa, de un sueño, dado el caso, o de varios relatados en el devenir de una cura. Y aunque sostengamos esto en el campo de la verdad mentirosa, sin embargo, esta ficción es la condición necesaria para producir el pasaje de una dimensión a otra.

PAPERS 6 / Cuando el sueño despierta Un cuerpo

Si bien el inconsciente real implica la dimensión del Uno, para que la cura haga surgir ese espacio donde queda abolido el campo de la atención, para que el S_2 se convierta en un resto fecundo, capaz de modificar la relación con el saber y la verdad, en definitiva, para producir una rectificación en el régimen del goce, es necesario consentir a los enredos de la significación y del sentido. Creo que siempre conviene mantener presente la paradoja que implica el relato de un sueño, ya que al mismo tiempo que produce significación, vehiculiza a su vez un goce innombrable.

Si el sueño, más allá de su relato, aloja también un núcleo autista de goce, es necesario entonces poder precisar en la experiencia el momento clínico que implica el pasaje que se desplaza del campo del Otro del significante al cuerpo como Otro. El cuerpo y la emergencia de su acontecimiento en la experiencia es una clave para deslizarse de la infinitud de la metonimia que el sueño puede arrastrar, a la posibilidad de aislar del sueño una letra que sea el pivote de la enunciación. O, dicho de otra manera, que se pueda formalizar a partir de una letra lo que el *parlêtre* puede ofrecer de nuevo al sueño y a su uso.

Tomaré un ejemplo propio, extraído de mis testimonios de pase; se trata de un sueño al que le otorgo un valor conclusivo.

La escena sucede en las alturas, en los bordes de la barandilla de un balcón. Una figura sin forma salta por encima de mí y se precipita al vacío. El impacto produce un ruido seco, fulminante y fugaz; después, el silencio. Me precipito por las escaleras, angustiado sin duda. Sin embargo, esa angustia no precipita el despertar; ella habita dentro del sueño. Y me acompaña hasta el lugar mismo de la caída, me invade la curiosidad de saber quién se ha tirado, qué ha caído. Un círculo de personas está alrededor de algo que no puedo ver, irremediabilmente velado. Unas pocas palabras conducen el sueño a su conclusión. Quién es, pregunto; una voz anónima me responde: es sueco.

Después de un momento de anonadamiento, el pensamiento produce una sola operación; descompone el significante sueco, en su-eco. Una

PAPERS 6 / Cuando el sueño despierta Un cuerpo

carcajada intempestiva toma el cuerpo entero, como cuando en algunos momentos de mi infancia una palabra extraña, sin significación ninguna precipitaba, al ser dicha, un ataque de risa, de esos que no se pueden detener y que dejan al cuerpo ligero, preparado para la contingencia de la vida.

Sería lícito tal vez no otorgarle a los sueños ningún destino que se escriba más allá del cuerpo que los sueña. Quizás porque los sueños, sueños son, como lo argumenta el poeta. O tal vez porque el despertar solo concierne al efecto que el sueño puede llegar a tener sobre el cuerpo; lo que allí hace reír o temblar solo se escribe como acontecimiento, se vuelve refractario a cualquier teleología, a cualquier conclusión que intente atraparlo por la vía del significante.

Ningún sentido se puede ofrecer a los cuerpos que ríen o a los cuerpos que tiemblan. Lo que llamamos aconteciendo de cuerpo es el índice más certero que nos anuncia la ausencia de relación sexual, que para lo mejor o para lo peor nos deja a merced de los latidos de la vida. Porque la vida no sueña; la vida, sencillamente palpita en el borde de un agujero que se aleja definitivamente de cualquier significación que uno pretenda darle.

Para concluir entonces, puedo decir que mi sueño soñado bajo transferencia solo puede ser leído bajo la égida de una escritura que desplaza el campo del ser al campo de la letra.

No podría haber dicho nada de este sueño si él no hubiese perforado el sentido bajo un significante nuevo que cae de la cadena: sueco, su-eco un equívoco que paraliza la metonimia. Es en ese litoral entonces donde una letra, por minúscula que sea, tiene el efecto de hacer resonar en el cuerpo una satisfacción, extraña quizás, pero que lo convierte a uno más en un *encontrador* de letras que en un esclavo del sentido.

A partir de allí lo que se puede percibir es que el estatuto del inconsciente, si se modifica, es porque hay un cambio en la posición del sujeto frente al sueño que sueña. Y creo que esto es lo que pude extraer de enseñanza. Cuando el soñante ya no está en el sueño, cuando se aleja definitivamente de él, entonces puede darse la

PAPERS 6 / Cuando el sueño despierta Un cuerpo

posibilidad de escribir otra cosa, hacer un nuevo uso del sueño. Jacques-Alain Miller lo ilustra con claridad cuando escribe: “un significante es nuevo (...) porque en vez de estar contaminado por el sueño, este significante nuevo desencadenaría un despertar”.¹ Podemos agregar que ese despertar es solidario con el acontecimiento de cuerpo del soñante.

¹ Miller, J.-A., *El ultimísimo Lacan*, Paidós, Buenos Aires, 2012, p. 145.

Un événement de corps rêvé

Dominique Holvoet -ECF

La fonction du rêve est certes l'accomplissement d'un désir mais ce désir peut être le désir de prolonger le sommeil ou encore un désir de surmoi, plus énigmatique sauf à le situer du côté d'un plus-de-jouir. Lacan renverse la problématique freudienne en situant le réveil comme une autre façon de prolonger le rêve – la vie comme rêve éveillé plutôt que le rêve comme allant à la rencontre d'un réel ! Le désir de l'analyste se fonde dans cet interstice entre le souci thérapeutique, qui enjoint de ne pas réveiller le sujet trop brutalement, et le devoir de réveil qui ouvre à un éclair de lucidité, à condition que l'analysant puisse supporter l'événement de corps qui réveille. C'est dans le *Séminaire XXIII* que Lacan évoque ce bref éclair de lucidité au réveil ¹.

C'est un tel événement produit par la percussive de mots choisis qui est venu marquer la fin de mon analyse et ouvrir à l'aventure de la passe.

Je dois dire qu'après avoir prolongé la fin de mon analyse par trois années d'enseignement de la passe, il m'est devenu aujourd'hui moins confortable de reprendre, certes à nouveau frais, ce qui pour moi est définitivement traversé. C'est là que la distinction faite par Jacques-Alain Miller de la passe comme traversée du fantasme, et de l'outrepasse comme savoir-y-faire avec son sinthome est un levier. Car le fantasme n'est pas le tout de l'analyse et il tend même à se confondre avec le symptôme lorsque l'analyse l'a au bout du compte réduit au sinthome.

L'événement de corps dans mon parcours d'analyse s'est mobilisé dans le rêve, là où les fantasmes circulent librement, tournoyant autour d'un réel, d'un irréprésentable. Cet événement, je ne le situe pas comme un affect physiquement éprouvé mais plutôt comme ce

¹ Cf. Lacan J., *Le Séminaire*, livre XXII, RSI, (1974-75), cours du 11 février 1975, inédit.

PAPERS 6 / Un événement de corps rêvé

corps de bouddha dont j'ai rêvé tout du long, un bouddha faisant face à un enfant qui le regarde. Ce personnage disgracieux donnait forme à la représentation d'un corps mortifié. Le bouddha se situe entre un corps, certes toujours vivant, mais déjà un peu cadavérisé – c'est à cette mortification que Lacan rapporte d'ailleurs l' « initiation bouddhique ² ».

Ceux qui ont pu suivre les linéaments de ma passe ont pu saisir que ce rêve s'est trouvé transformé au fil de l'analyse. La figure du bouddha s'est progressivement dissipée pour tracer de plus en plus l'image d'un autre corps, celui d'un père que le fantasme mobilisait dans un attouchement improbable. C'est la dispersion du rêve et du fantasme qui permit de démonter ce dernier et d'envisager une terminaison de l'analyse.

Mais la désactivation du fantasme ne se confond pas avec la fin de l'analyse, c'est la différence notée plus haut entre passe comme traversée et outrepassée comme savoir-y-faire. Car la perte du point de jouissance de l'activité fantasmatique produit une entrée dans le désert d'un désir devenu sans objet. Dans cet ultime passage l'analyste constitue le dernier rempart à maintenir un désir en vie. Il est le point petit *a* qui maintient l'analysant désirant. S'il en vient à boucher cet espace de nouvelles interprétations à nourrir le sens du symptôme, c'en est fichu de trouver une issue. Si par contre il donne par sa seule présence la consistance d'un réel, alors il laisse chance à l'analysant de se départir du tenant lieu de réel qu'il incarne dans cet ultime périple.

Ma seconde tranche avait commencé par une remarque incidente sur le quai d'une gare alors que j'accompagnais avec trop de sollicitude l'orateur à son train : « Mais vous n'allez pas me tenir la main ainsi jusqu'au quai ? » s'exclama-t-il ! Il me tendait là sans le savoir une main pour engager le dernier round de mon analyse. Il fut souvent question de savoir comment lâcher sa main pour prendre mon train tout seul, si je puis dire. La main fut l'instrument de jouissance avec lequel j'allais dans un rêve final arracher, nuit après nuit, la dentition

² Lacan J., « Subversion du sujet et dialectique du désir », *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 826.

PAPERS 6 / Un événement de corps rêvé

qui me restait dans l'enclos de la bouche. L'enclos ne pouvait plus produire aucun oracle : « C'est arraché ! », ponctua l'analyste.

Je voudrais ici compléter ce rêve pour lui donner toute la portée de réel qu'il condensait. La porosité qu'il pouvait y avoir entre le rêve et le réveil était à son maximum. Tout cela faisait partie de *ma* réalité, avec la même portée de réel que le fantasme d'attouchement du père – fantasme qui à ce moment de fin d'analyse était devenu inopérant, désactivé et traversé. À la place venait un événement de corps, l'auto-arrachement des dents, arrachement de la morsure de la parole sur le corps. Mais alors, que désirer encore ?

La thèse freudienne du rêve comme réalisation de désir peut, ici, trouver sa place à condition d'y inclure ce que Freud y ajoute, que la fonction principale du rêve est finalement de prolonger le sommeil. Mais c'est Lacan qui, dans le *Séminaire XI*, nous donne la clé en indiquant que « si la fonction du rêve est de prolonger le sommeil, si le rêve, après tout, peut approcher de si près la réalité qui le provoque, ne peut-on pas dire qu'à cette réalité, il pourrait être répondu sans sortir du sommeil ? ³ ». Le rêve de l'arrachement des dents n'est pas moins dans ma réalité que la phrase incidente de ma femme au matin qui me fait remarquer le bruit que je fais en mangeant. Ma réponse, « Oui, c'est parce que j'ai des trous dans les dents », est autant dans ma réalité que l'extraction dentaire dans le rêve. Cet événement de corps onirique n'est qu'un tenant lieu de la représentation qui manque. C'est un manque de manque : il n'y a pas de représentation du manque et c'est cela que le rêve vient enrober. En ce sens, il enserme un réel, faute de pouvoir le nommer. Tout ce qu'a pu dire l'analyste est : « Voilà, c'est arraché ! ».

Pour Lacan dans le *Séminaire XX* ⁴, se réveiller c'est continuer à rêver pour éviter que dans le rêve nocturne quelque chose passe au réel. Et interpréter au nom du signifiant, c'est de même prolonger le rêve, encourager l'analysant à continuer de rêver – ce qui peut être

³ Lacan J., *Le Séminaire*, livre XI, *Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1973, p. 57.

⁴ Cf. Lacan J., *Le Séminaire*, livre XX, *Encore*, Paris, Seuil, 1975, pp. 52-53.

PAPERS 6 / Un événement de corps rêvé

thérapeutiquement nécessaire mais psychanalytiquement non pertinent quant à cerner le point de réel comme impossible. C'est là que se loge le désir de l'analyste de faire fonction de tenant lieu de la représentation qu'il n'y a pas pour permettre à l'analysant d'habiter à son tour ce désir de presque rien qui change tout, ce désir d'un réveil dans le rêve. Rêver qu'il n'y a pas de mots pour le dire.

Lucíola Freitas de Macêdo, dans l'argument de ce *Papers 6*, pose la question: « Qui est l'agent du rêve comme événement de corps ? Est-ce le rêveur qui fait usage de son rêve, ou le rêve qui rêve le rêveur ? » Après la passe, pendant un long moment, le rêve de l'arrachement des dents continua à « me rêver », mais sous une autre forme : il n'y a plus de dent, il faut à tout prix extraire de l'enclos de la parole des filets infinis de limailles réduites à presque rien. À presque rien, mais pas à rien : c'est ce presque rien qui fonde mon désir d'analyste.

Le trou du rêve

René RAGGENBASS - NLS

Les rêves les mieux interprétés gardent souvent un point obscur ; on remarque là un nœud de pensée que l'on ne peut défaire [...]. C'est « l'ombilic » du rêve, le point où il se rattache à l'Inconnu¹. C'est le trou du rêve !

Dans le rêve, le psychanalyste fait partie de l'inconscient puisqu'il est l'adresse des *Darstellungen*² puis du récit du rêve. Le rêve est le chiffrage, l'interprétation -*Dargestellt*- du lieu dont le parlêtre est d'origine exclu et dont l'ombilic est le stigmaté.

Pour Freud, le rêve est l'accomplissement d'un *Wunsch*. Mais le dire c'est aussi continuer à rêver/à délirer lorsqu'on est éveillé puisque cela passe par l'Autrification du trou d'où le rêve émerge. Ce trou est irréprésentable. Il pousse et il pourrait être ce qui réveille le rêveur s'il y avait accès ; d'ailleurs pour Lacan le rêve vise la réalisation de ce réveil. Je propose de prendre la question de l'événement de corps et du rêve sous l'angle du réveil et d'en examiner le destin.

Rêve et événement de corps, deux champs hétérogènes articulés comme symptôme et sinthome, interprétation-déchiffrage et interprétation-événement, l'inconscient transférentiel et inconscient réel ou encore passe avec outrepasse.

Dans le séminaire XI Lacan définit l'inconscient comme un achoppement. Dans le séminaire XXIV Lacan il le définit comme l'Une-bévue mais il le place également comme antérieur au temps où peut apparaître l'inconscient³. Je propose de soutenir que

¹ Freud S., *L'interprétations des rêves* (1900), I. Meyerson, Paris, PUF, p. 446.

² Lacan J., « L'ombilic du rêve est un trou », *La Cause du désir*, n° 102, juin 2019, pp. 35-43. « Dans le champ de la parole, il y a quelque chose qui est impossible à reconnaître », p. 37.

³ Miller J.-A., « En deçà de l'inconscient », *La Cause du Désir*, n° 91, novembre 2015, p. 104.

PAPERS 6 / Le trou du rêve

l'événement de corps est situé en-deçà de l'inconscient proche du trou du rêve.

L'en-deçà de l'inconscient

Le symptôme est une formation de l'inconscient, il est le discours de l'Autre. Par contre, l'événement de corps, comme la jouissance, n'est pas une formation de l'inconscient. Il appartient au registre de l'UN. Ce n'est que dans un second temps qu'il se noue à l'inconscient.

L'UN, symbole-résidu de la déconnection radicale entre S1 et S2, est la dernière station avant le réel. C'est l'ablation de l'Autre mais l'accès au réel reste impossible. Le corps parlant du dernier enseignement de Lacan n'est plus le corps qui parle le langage du rêve, celui de l'inconscient structuré comme un langage que l'on déchiffre. C'est un parlêtre hors sens, à la limite des possibilités du déchiffrage ; il est événement !

L'événement de corps est jouissance ! Elle est soustraite à la logique œdipienne. Lacan la réduit à l'événement de corps⁴, à la percussion du langage sur le corps avant même la conscience. *L'expérience de jouissance se présente (alors) à la fois comme présence d'Autre chose et comme absence d'instance de perception et de représentation qui pourrait en répondre. (...) Son lieu est le corps*⁵ .

L'événement de corps *c'est le corps parlant du point d'où il échappe au sens et qui pourtant est le traumatisme du système du langage*⁶ qui laisse sur lui un trou impossible à symboliser ou à imaginer. La jouissance de l'UN est pur événement de corps et l'événement de corps est une fonction réelle située en-deçà de l'inconscient.

Le principe acéphale du plaisir dans le rêve chiffre l'événement inaccessible qui pousse dans le parlêtre. Le rêve est déjà en lui-

⁴ Miller J.-A., « L'orientation lacanienne. L'être et le Un » (2010-2011), enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l'université Paris VIII, cours n° 5, du 2 mars 2011.

⁵ Laurent É., *L'envers de la biopolitique*, Paris, Navarin, 2016, p.14.

⁶ Laurent É., « L'inconscient et l'événement de corps », *La Cause du Désir*, n° 91, novembre 2015, p. 25.

*même interprétation, sauvage certes, mais interprétation*⁷. Le rêve est traduction imagée de ce point qui ne subsiste qu'à être articulable en signifiants. L'événement de corps est ainsi Autrifié. C'est le passage du réel au champ symbolico-imaginaire ou encore de l'inconscient réel à l'inconscient transférentiel.

Ce mouvement est inverse à ce qu'expérimente l'analysant qui passe de l'Autrification dans laquelle il rêve sa vie à une dés-Autrification qui le mène à l'urgence d'un acte d'insurrection, un éclair, contre le sens commun.

Rêve, événement de corps et l'éthique du réveil

Qu'est-ce qui déclenche chez le parlêtre un réveil ? Lacan évoque un signifiant nouveau qui produit un vide de sens. N'est-ce pas la définition de l'acte qui se fonde de ce que *l'objet y soit actif et le sujet subverti*⁸ ? Miller se demande dans quelle mesure le réveil est possible car *la maladie mentale qu'est l'inconscient ne se réveille pas*⁹. Sur le socle de la forclusion généralisée de la référence nous n'échappons jamais au tissage d'une toile imaginario-symbolique pour nous tenir dans un lien social. L'Autrification nous tient dans le rêve et le délire.

L'interprétation vise là où ça jouit, là où ça réveille. Le réveil implique l'usage de la coupure et/ou la résonance de l'équivoque avant que le sens soit bouclé par le dire. Comment un réveil se soutient-il ? Il se soutient de bouts de réels assumés qui circulent dans notre parole.

É. Laurent note que l'éclair de l'interprétation met à jour au moyen d'un événement de corps le vide central de l'être du langage. Il n'oblige pas une énonciation. L'éclair déchire le voile du sens et laisse le sujet face à un événement de corps proche de l'ombilic de son existence dont il n'a rien à élucubrer mais dont il a à faire un usage. Un rêve qui atteint l'ombilic a portée d'événement.

⁷ Lacan J., *Le Séminaire*, livre XVI, *D'un Autre à l'autre* (1968-1969), texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, coll. Champ Freudien, 2006, p. 197.

⁸ Lacan J., « La méprise du sujet supposé savoir », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 332.

⁹ Miller J.-A., « En deçà de l'inconscient », *op. cit.*, p. 106.

PAPERS 6 / Le trou du rêve

L'éveillé fait un usage nouveau de ce point. Une mise en acte qui se soutient d'une jouissance, d'une certitude arrachée à l'angoisse¹⁰, d'une urgence et d'une satisfaction qui n'est pas réalisation subjective mais un rapport au monde marqué par l'ensemble vide et la dissolution du transfert. Le réveillé consent à être acté seul¹¹ par ses bouts de réel. « *Je suis comme je jouis* ». Il n'y a pas d'identification de ce côté. Les conséquences de l'acte-réveil est une éthique de l'ininterprétable qui nous rend unique. Un comment chacun se débrouille et fait lien social avec les bouts de réels situés entre son corps et sa parole.

¹⁰ Lacan J., *Le Séminaire*, livre X, *L'angoisse* (1962-1963), texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, coll. Champ Freudien, 2004, p. 93.

¹¹ « *L'acte est toujours auto, c'est-à-dire qu'il est précisément ce qui le sépare de l'Autre* ». Miller J.-A., « J. Lacan : remarques sur son concept de passage à l'acte », *Mental*, n° 17, Avril 2006, p. 23.

El sueño ¿interpretación acontecimiento?

Esteban KLAINER - EOL

No solamente hace falta un cuerpo para soñar sino que a ese cuerpo le suceden permanentemente muchas cosas que lo afectan, incluso en un sueño. El sueño pone en juego afectos corporales. Tal como lo señala M.-H. Brousse el sueño produce “efectos de cuerpo: movimientos diversos, placer sexual, felicidad, incomodidad, malestar, lágrimas, angustia, horror, risa, enigma. [...] siempre va acompañado de fenómenos de cuerpo”¹.

Ahora bien, ¿podemos pensar esos fenómenos de cuerpo como ‘acontecimientos de cuerpo’ en el sentido que Lacan le da a esa expresión?

Acontecimiento de cuerpo

Como expresión de Lacan la encontramos en su escrito “Joyce el síntoma” referida particularmente al síntoma, *Dejemos al síntoma en lo que es: un acontecimiento de cuerpo...*².

Para pensar esta última referencia al síntoma en Lacan, me sirve primero ubicar dos puntos que encontramos en su conferencia “La Tercera”. En primer lugar, llama allí “síntoma a lo que viene de lo real”³. Esta simple formulación es toda una novedad de la quizás no terminamos de ponderar todas sus consecuencias. Decir que el síntoma viene de lo real es dejarlo en su aspecto contingente, de puro acontecimiento, sin que se pueda deducir su aparición de nada que lo predetermine.

¹ Brousse, M.-H., “El artificio, reverso de la ficción ¿Qué hay de nuevo sobre el sueño 120 años después?” en: https://congresoamp2020.com/es/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/19-09-11_el-artificio-reverso-de-la-ficcion.html.

² Lacan, J., “Joyce el Síntoma”, *Otros escritos*, Paidós, Bs.As., 2012, p. 595.

³ Lacan, J., “La tercera” en: *Lacaniana* n°18, Grama, Bs. As, 2015, p. 15

PAPERS 6 / El sueño ¿interpretación acontecimiento?

La segunda novedad que encontramos en ese mismo escrito es que el síntoma, que viene de lo real, “no se reduce al goce fálico”⁴. Esto significa, ni más ni menos, que el síntoma no sólo articula el goce simbólico-real, fuera de cuerpo, sino también ese otro goce, que transcurre entre imaginario-real y que Lacan caracteriza como un goce en el cuerpo.

Entonces, en “Joyce el síntoma”, Lacan sostiene que el síntoma es un acontecimiento ligado al cuerpo que se *tiene*; es decir, ligado a una experiencia de goce a partir de la cual se siente que al cuerpo se lo tiene. Es interesante que lo refiera mediante un juego de palabras del que dice que en ocasiones se canta “...l'on l'a, l'on l'a de l'air, l'on l'aire, de l'on l'a.”⁵, con el que parece aludir a esa experiencia de goce. Es precisamente en Joyce donde Lacan puede ubicar la función del síntoma, en tanto acontecimiento de cuerpo, como el recurso que le permite anudar su imaginario corporal. Es la certeza *sinthomática* de ser *el artista* el acontecimiento que le permitió volver a anudar su imagen corporal, esa que se le caía como una cáscara.

En su ponencia en el *Seminario 23*⁶, Jacques Aubert, guiado por Lacan, ubica en un pasaje del *Ulises* aquello que podemos leer como el momento en que adviene para Joyce el acontecimiento que toma para él valor sintomático. El personaje de *Stephen* escucha el relato de un alegato sobre el Moisés de Miguel Ángel y de repente quien habla se le dirige sosteniendo que si un artista fue capaz de hacer eso “merece vivir”, palabras que producen en *Stephen* una emoción que se manifiesta en un *sonrojo*. Se puede leer ahí, el acontecimiento de cuerpo que para Joyce implicó la certeza que le dio un cuerpo y le permitió sostenerlo frente a los efectos intrusivos de *lalangue* que padecía.

Es justamente Joyce, a quien Lacan no casualmente llama *Joyce el Síntoma*, quien muestra que el síntoma en tanto acontecimiento de

⁴ *Ibíd.* p. 23.

⁵ Lacan, J., “Joyce le Symptôme”, *Autres écrits*, Seuil, 2001, p. 569.

⁶ Lacan, J., *El Seminario, Libro 23, El sinthome*, Paidós, Bs. As., 2005, p. 180.

PAPERS 6 / El sueño ¿interpretación acontecimiento?

cuerpo anuda otro goce, diferente al fálico, que permite sostener el cuerpo frente a los embates mortificantes de *lalangue*.

Entonces, desde esta perspectiva, un sueño tendría valor de acontecimiento de cuerpo si su efecto corporal es producido por el anudamiento de ese otro goce.

El sueño como interpretación

Si, siguiendo la tesis de Lacan, el sueño mismo ya interpreta, ¿podríamos pensar acaso que la interpretación que un sueño produce podría “situarse al mismo nivel que el síntoma como acontecimiento de cuerpo”⁷; es decir, que un sueño produzca la equivocidad que permitiría “ganar el terreno que separa al síntoma del goce fálico”⁸ en beneficio del Otro goce?

Aquí avanzo con aproximaciones.

Una mujer presenta un síntoma de rigidez corporal sostenido durante toda su vida. En el transcurso del análisis va dando cuenta de cómo con esa rigidez se ha armado una vida. Sobre todo una vida que logra sostener mediante un exigente ejercicio de su profesión donde ha logrado un lugar destacadísimo. El problema es que en esa vida ‘exitosa’ se observa una ausencia de goce para ella, a no ser solamente el que obtiene de sus rutinas.

Avanzado el análisis, produce un sueño que va a implicar una bisagra tanto en su vida como en el análisis. “Estoy en un lugar de selva virgen con vegetación frondosa y flores, todo tiene colores muy fuertes. Hay una laguna con agua cristalina. Me meto y nado con una sensación muy placentera”. El sueño, que no se abre a un trabajo de desciframiento, le hace presente una sensación en el cuerpo que empieza a dar cuenta que en ella existe todo otro mundo, donde la habita otro goce que se esfuerza en transmitir como puede. Ese afecto corporal orienta a partir de ahí su trabajo en el análisis.

⁷ Laurent, É., “La interpretación acontecimiento”, <http://www.revistavirtualia.com/articulos/831/destacado/la-interpretacion-acontecimiento>.

⁸ Lacan, J., “La tercera”, op. cit., p. 23.

PAPERS 6 / El sueño ¿interpretación acontecimiento?

F. Vitale señala, en uno de sus testimonios⁹, que a partir de un momento y ya avanzado su análisis algunos sueños “en sí mismos tenían un efecto corporal vivificante, más allá de los sentidos que pudiera descifrar”¹⁰. Y sobre la serie de sueños que precipitaron el final de su análisis refiere que tomaron para él “estatuto de Witz”, ya que tocaban al cuerpo desencadenando la risa sin abrir al desciframiento. Witz a los Freud caracterizó como no tendenciosos; es decir, aquellos que carecen de valor fálico.

Ahora bien, ¿no podemos acaso pensar al chiste no tendencioso como un modelo de las últimas ideas de Lacan sobre la interpretación, donde por medio del equívoco se logra tocar aquello que está radicalmente fuera de la palabra y a la vez vaciar un poco el lado goce fálico del síntoma?

Aproximaciones que creo pueden ser una de las vías para pensar aquello que, siguiendo a Lacan, nos propone É. Laurent “hacer del sueño un instrumento del despertar”¹¹, teniendo en cuenta que hay ‘despertares’ y no todo despertar es al que apunta el deseo del analista.

⁹ Testimonio presentado en las Jornadas anuales de la EOL de 2019.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Laurent, É., “El despertar del sueño o el esp de un sue”, https://congresoamp2020.com/es/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/19-09-11_el-despertar-del-sueno-o-el-esp-de-un-sue.html.

O sonho, recusa do corpo ou acontecimento de corpo?

Elisa ALVARENGA - EBP

No seu Curso “Biologia lacaniana e acontecimento de corpo”¹, Jacques-Alain Miller vai do corpo doente da verdade - ligado a uma recusa do corpo - ao acontecimento de corpo como acontecimento de discurso que deixa traços no corpo, na medida em que “UOM” tem um corpo. Esses traços desorganizam, traumatizam o corpo, produzindo nele fixações, que eventualmente poderão ser lidas, em uma análise, e remetidas ao acontecimento que as produziu.

Do corpo doente da verdade Miller toma como exemplo a perturbação psicogênica da visão apresentada por Freud em um artigo de 1910², onde avança que uma cegueira histérica é produzida pela erotização de um órgão destinado a servir à auto conservação do corpo. O que Freud chama de complacência somática será retomado por Lacan como recusa do corpo: “O sujeito histérico se aliena do significante mestre como aquele que esse significante divide, aquele que se recusa a dar-lhe corpo”³.

Sabemos que a resolução dos sintomas histéricos pelo sentido esbarra no limite da satisfação da pulsão, a realidade sexual do inconsciente, que pode se fixar ao trauma de maneira decidida. Os histéricos sofrem de reminiscências, de fixações a S_1 que traumatizam e sacrificam o corpo.

Assim como o sintoma tem sua face de verdade e sua face de gozo, o sonho tem seu lado portador da verdade, com uma eventual recusa

¹ Miller, J.-A., Biologia lacaniana e acontecimento de corpo, *Opção Lacaniana*, n. 41, dez. 2004, p. 45-54.

² Freud, S., A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI, Rio de Janeiro, Imago, 1970, p. 193-203.

³ Lacan, J., *O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p. 88.

PAPERS 6 / O sonho, recusa do corpo ou acontecimento de corpo?

do corpo, e seu lado acontecimento que toca o gozo do corpo, especialmente presente nos relatos de passe e no ultrapasse. Talvez possamos dizer que o primeiro está essencialmente ligado ao inconsciente transferencial, ao passo que o segundo aponta para o inconsciente real.

Um exemplo do sonho portador da verdade coloca em movimento o inconsciente transferencial, a partir mesmo de uma recusa inicial do saber do Outro: “a analisante está na sala de espera do analista, onde habitualmente se encontram várias prateleiras de livros suspensas na parede. O que o sonho acrescenta é a água do esgoto – “les égouts” - que escorre entre os livros, apontando, através de um equívoco, em francês, para o desgosto – “le dégoût” – do saber, sublinhado pelo analista, desgosto que teria que ser enfrentado para que a analisante entrasse no discurso do inconsciente.

A este sonho se contrapõe, como sonho acontecimento de corpo, um sonho relatado pelo mesmo sujeito no espaço do ultrapasse: “estou em uma casa confortável, satisfeita, mas tenho que sair no escuro, sem saber o que vou encontrar lá fora. Saio e grito, mas não acordo”. Acordado por alguém que o escuta gritar, o sujeito é tomado por uma certa perplexidade. Sabe que não adiante gritar, não há ninguém para responder. O sonho figura a separação de um S_1 que o identifica e conforta, mas sabe que já não tem sentido convocar o Outro. Aquilo que já não é possível dizer é mostrado no sonho. Este sonho-pesadelo, acontecimento de corpo, assinala ainda o afrouxamento da identificação a um S_1 que marcou o falasser muito cedo e sempre pode reiterar, mas pode ser lido de outra forma, circunscrevendo um furo.

No final da análise e no espaço do ultrapasse, definido por Jacques-Alain Miller como o tempo depois da experiência do passe que, por sua existência, ordena a perspectiva de uma análise⁴, além de permitir ao analista haver-se com os restos sintomáticos e desmamá-los de sentido, o analista encontra também no sonho um fora de

⁴ Miller, J.-A., “L’orientation lacanienne. L’être et l’Un” (2010-2011), enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l’Université Paris VIII, lição de 4 de maio de 2011, inédito.

PAPERS 6 / O sonho, recusa do corpo ou acontecimento de corpo?

sentido. Então o sonho se converte em instrumento do despertar, diz Eric Laurent, quando mostra um ponto onde isso não se pode dizer. Algo cessa de não se escrever. Não se trata de uma inscrição definitiva, como já foi assinalado em relação aos nomes de gozo que se desvelam no final de uma análise. “O importante é o acontecimento do surgimento desse espaço fora de sentido. É o esp de um son”⁵.

Se o “esp de um son”, ou o espaço de um sonho, como o “esp de um laps”, o espaço de um lapso, já não tem nenhum impacto de sentido, podemos dizer, com Lacan, que “só então temos certeza de estar no inconsciente”⁶. Não o inconsciente transferencial com suas interpretações, mas o inconsciente real. E o sonho é aqui acontecimento de corpo. A saída no escuro do sonho acontecimento relatado acima não seria portanto sem relação com o que Lacan chamou de mergulho no furo do soprador, sendo o soprador o inconsciente do sujeito⁷. Deixando para trás os S_2 que costumava acrescentar aos seus S_1 , para perpetuar seu des/conforto nos braços do Outro da fantasia, o falasser solta as amarras do sentido e se aventura em uma nova relação com o furo.

⁵ Laurent, É., El despertar del sueño o el esp de un son. In: https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/19-09-11_el-despertar-del-sueno-o-el-esp-de-un-sue.html.

⁶ Lacan, J., Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (1976). *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 567.

⁷ Lacan, J., Yale University: Entretien avec les étudiants, réponses à leurs questions (1975 [1976]). *Scilicet 6/7*, Paris, p. 35.

Sueño y acontecimiento. Un cuerpo

Marcela ALMANZA - NEL

El recorrido de un análisis, de principio a fin, está marcado por la experiencia de *un cuerpo que sueña* bajo transferencia, cuestión que acompaña cada momento de la cura bajo diversos matices y que tendrá para el *parlêtre* la marca de aquellos efectos analíticos absolutamente singulares que sobre todo en el tiempo lógico de la conclusión permitirán pensar la posible articulación entre sueño y acontecimiento de cuerpo.

Sabemos que la juntura entre el significante y el goce está siempre presente en el discurso dirigido al analista y, por supuesto, el relato del sueño en tanto formación del inconsciente no será una excepción. Será esta cuestión la que convocará al analista a alojarlo en el dispositivo, pero sin desconocer que la vía del inconsciente transferencial y del "querer decir" desplegará de entrada, aunque de manera velada, aquello que se jugará ineludiblemente a lo largo de todo el recorrido analítico y es que allí donde *eso habla, eso goza*.

Así, en su Curso *Sutilezas analíticas* J.-A. Miller plantea que en su muy última enseñanza Lacan distingue dos órdenes no homogéneos: el inconsciente y el *sinthome*, buscando su anudamiento y que habrá que saber cómo esto se presenta en la práctica analítica. Se pueden distinguir dos momentos, "el de la exploración del inconsciente y de sus formaciones, cuyo principio es que el síntoma tiene un sentido, que todo lo que hace síntoma (lapsus, acto fallido, etc.) tiene un sentido y puede ser descifrado."¹

Pero la temporalidad propia del análisis pondrá en evidencia que existe una diferencia entre un psicoanálisis que comienza, un psicoanálisis que dura y lo que implica llevar un análisis hasta su fin.

¹ Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*, Paidós, Buenos Aires, 2011, p. 106.

PAPERS 6 / Sueño y acontecimiento. Un cuerpo

En esta vía “La orientación hacia lo singular no quiere decir que no se descifre el inconsciente. Quiere decir que esta exploración encuentra necesariamente un tope, que el desciframiento se detiene en el fuera de sentido del goce y que, al lado del inconsciente, donde eso habla - y donde habla a cada uno, porque el inconsciente es siempre sentido común-está lo singular del *sinthome*, donde eso no habla a nadie”.²

Desde estas coordenadas, si deducimos que la experiencia analítica ya no se ordena a partir del campo del Otro, que no existe, porque lo que existe es el Uno solo bajo la marca indeleble “de la reiteración inextinguible del mismo Uno”³ (y esto está presente desde el comienzo) “¿Diría pues que, al término de la experiencia analítica, ya no soy incauto al respecto de mi inconsciente y de sus artificios? Y eso porque ¿el síntoma, una vez descargado de su sentido no por eso deja de existir, aunque bajo una forma que ya no tiene más sentido?”⁴

Si tomamos el sueño por este sesgo, aparece entonces la pregunta sobre cómo concebir la emergencia de la dimensión más real, fuera de sentido, de conexión con el goce, que se presenta sobre todo en los sueños cercanos a un final de análisis -y de los que testimonian los AE- cuando la vía del “querer decir”, del sentido y de las significaciones fantasmáticas han caído y lo que se lee a partir de este momento es la articulación entre sueño y acontecimiento de cuerpo, tomados en la perspectiva de que “...donde eso habla, eso goza, pero la orientación hacia el *sinthome* acentúa que eso goza allí donde eso no habla, donde eso no produce sentido.”⁵

Así, ¿se podría pensar el estatuto del sueño al final del análisis, como un modo de tratamiento del nudo entre inconsciente y *sinthome*? ¿es que estos sueños, en su punto de máxima reducción de sentido anticipan, de manera privilegiada, un despertar de otro orden cuando

² *Ibid.*

³ Miller, J.-A., “Leer un síntoma” en <http://ampblog2006.blogspot.com/2011/07/leer-un-sintoma-por-jacques-alain.html>.

⁴ Miller, J.-A., “Hablar con el cuerpo” en http://www.enapol.com/es/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V_Jacques-Alain-Miller.html.

⁵ Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*, op. cit., p. 107.

PAPERS 6 / Sueño y acontecimiento. Un cuerpo

esa marca inolvidable atraviesa *un cuerpo que sueña* bajo esta nueva lógica?

Sabemos que el encuentro azaroso del cuerpo y del significante deja una traza inolvidable, "es lo que llamamos acontecimiento de cuerpo, un acontecimiento de goce que no vuelve nunca a cero. Para hacer con ese goce hace falta tiempo, tiempo de análisis. Y, sobre todo, para hacerse con ese goce, sin la muleta, la pantalla y los artificios del inconsciente simbólico y sus interpretaciones. [...] Se trata del inconsciente real, el que no se descifra. El que, por el contrario, motiva el cifrado simbólico del inconsciente. Ese cuerpo no habla, sino que goza en silencio [...] pero sin embargo es con ese cuerpo con el que se habla, a partir de ese goce fijado de una vez por todas."⁶

Extraigo del testimonio de Domenico Cosenza "En un sueño que precede algunos meses a su conclusión, tomo cuánto de mi caer y hacerme daño no es reconducible a la pregunta que formulo hoy en estos términos *Padre, ¿no ves que caigo y me rompo los huesos por ti?* Es un sueño en el que me he detenido varias veces en mis testimonios de pase, que me abre a un más allá del fantasma. Es un sueño que hoy llamaré, retomando un título de un film de Luchino Visconti, *La terra trema (La tierra tiembla)*. Sueño que tuve la noche después del último terremoto en Marche y en Umbria, en el verano de 2016, antes de mi conclusión de análisis. El sueño es lacónico: la tierra tiembla, yo caigo. La caída es aquí el efecto de un real sin sentido, que no me permite estar en pie, es el efecto de una inestabilidad de la tierra que se mueve bajo mis pies y me hace perder el equilibrio. Mi caer es un efecto de una inestabilidad del terreno sobre el cual me apoyo, no de mi distracción. Es un giro en el análisis, que se produce en el tiempo lógico de la conclusión, unos meses antes del final."⁷

Este sueño presenta, de manera privilegiada y bajo el significante "lacónico", el estatuto de *otro cuerpo* al final de un análisis, a partir

⁶ Miller, J.- A., "Hablar con el cuerpo", *op. cit.*

⁷ Cosenza, D., "De la caída al temblor de la tierra y retorno", *Freudiana* 87, Revista de Psicoanálisis de la ELP-Catalunya, Barcelona, septiembre-diciembre 2019, p. 133.

PAPERS 6 / Sueño y acontecimiento. Un cuerpo

del vaciamiento de sentido y de lo que ya no llama a la interpretación ni al desciframiento, mostrando de manera elocuente una reducción sin más allá, un despertar que es *un efecto, es el resultado de la operación analítica cuando el sujeto analizante ha podido experimentar la clínica del desierto del análisis en el tiempo lógico de la conclusión.*⁸

⁸ Cosenza, D., Notas sobre la su intervención en el Seminario de Formación Lacaniana de la NEL, 18 de enero de 2020.

Un buon uso del sogno come evento di corpo

Carlo DE PANFILIS - SLP

Il trauma è l'incidenza della lingua sul corpo parlante.

Il sogno: echi, onde che fluiscono sui solchi tracciati dalla pioggia degli S1 sul parlessere, facendone emergere i profili, le tracce di godimento, effetto dello scontro tra il significante e il corpo.

Sogno come evento di corpo: echi di godimento non significantizzato o al sorgere della sua significantizzazione. Ci sono sogni eventi di corpo che producono nuove decifrazioni del reale in gioco per il soggetto, decifrazioni di una scrittura letterale.

“In un’analisi tutto quello che si legge converge sull’illeggibile che delimitiamo, stringiamo, isoliamo. Per ottenerlo bisogna lavorarci sodo, bisogna aver spinto la lettura fino alle ultime sillabe. E allora si arriva allo stato (...) in cui sul sintomo in atto non c’è più niente da fare. È l’invito che Lacan ha chiamato o mascherato con il nome di *passee*”¹.

Il sogno, evento di corpo del parlessere, può essere la realizzazione di un momento di *passee*?

Il sogno di fine analisi di Ram Avraham Mandil è particolarmente istruttivo. Per poterne definire con maggiore precisione l’articolazione, ho prelevato i punti salienti della sua *passee*².

Ram Avraham Mandil isola la ripetizione dell’Uno del godimento, ciò che l’S1 produce è vissuto come vuoto. La risposta dell’inconscio, i sembianti del fantasma, il sintomo, l’S2, si riassumono in una frase

¹ Miller J.-A., *Pezzi staccati*, Roma, Astrolabio, 2006, p. 41.

² I sogni e le citazioni provengono da resoconti di due testimonianze di *passee* di Ram Avraham Mandil: *Ensemble Vide*, testimonianza alla 43° Giornata delle ECF, e la testimonianza presentata nel XX Encuentro Brasileiro del Campo Freudiano (novembre 2014). Pubblicata originalmente in *Opção Lacaniana*, 70 e in *La bolsa, (el vacío) y la vida*, Buenos Aires, Tres Haches, 2017.

PAPERS 5 / Un buon uso del sogno come evento di corpo

della passe: "C'è del vuoto nel tuo corpo e deve essere riempito." "Questa frase", dice Mandil, "capta l'effetto dell'incontro di lalingua sul mio corpo, e segna la mia condizione di parlessere". Le forme della esperienza soggettiva sono condensate nella condizione del clandestino. L'analista, intervenendo in un momento propizio di analisi, indicato lo zaino che Mandil porta sempre con sé, dicendo: "Ecco, lo zaino del clandestino sempre pesante". Questa interpretazione ha avuto un impatto sulla difesa che lì era stata eretta, facendola sussultare. "La vita nel sacco" è la marca della sua esistenza, a partire da un modo singolare di godimento. Mandil comunica al proprio analista la sua intenzione di fare domanda di passe e porta un sogno.

Prima parte del sogno: "Sono di fronte a mia moglie che mi informa che mi lascerà per un altro; sento subito una contrazione della mandibola, ma non sono angosciato; questa contrazione, tuttavia, non mi impedisce di parlare". Di fronte all'analista, Mandil si rende conto che "mandil-bulle" articola il suo cognome e la bolla che aveva costruito nella sua strategia nevrotica per difendersi dal reale.

L'incidenza del significante sul corpo instaura per il parlessere la questione della propria consistenza corporea (evocato nella passe di Ram Avraham Mandil attraverso il ricordo traumatico di un intervento per criptorchidismo). Il passaggio, la passe del sogno, scandisce come risposta alla reiterazione dell'S1 non più il vuoto, ma la consistenza del corpo. La risposta non è più a livello della difesa nevrotica: il sogno opera il passaggio dall'evento di corpo al witz, non si riduce alla percussione del significante sul corpo, all'evento di corpo come sintomo (contrazione della mandibola), ma si esprime nel witz nel sogno (*mandil-bulle*), via rebus.

La seconda parte del sogno si riferisce alla risposta del Cartello della Passe prima della sua nomina. Mandil riferisce: "La voce femminile – una certa incarnazione del super-io – mi chiede se sono pronto a rispondere alle richieste che verranno quando sarò nominato. Nuova percussione del trauma. Nuovo incontro con l'impossibile, ma questa volta, non rivestito dalla figura dell'impotenza. La voce maschile mi

PAPERS 5 / Un buon uso del sogno come evento di corpo

istruisce sul modo con cui devo effettuare la trasmissione del passaggio. Devo farlo come viene trasmessa una parte della Torah. Il nome di quella parte, tuttavia, scompare dal sogno, e al suo posto sorgono tre lettere: A, V, D. Mi viene immediatamente la parola ebraica *avdalah*, che appena so che esiste, ma non so che cosa significhi. (...) Da un lato, è possibile riconoscere in questa parola il nome che è stato dato alle lettere che sono emerse dal reale del sogno. E dall'altro, è possibile trovare in questa parola il marchio di *lalingua*, con il suo carattere di sciame di S1, ciò che autorizza anche a procedere per la lettura sonora di un "há vida lá" / "hay vida alla" (c'è vita lì) dove prima c'era solo la mortificazione di un vuoto".

Questa parte del sogno non è una interpretazione, è una invenzione che, letteralizzando l'evento, colloca ora il soggetto in un'altra posizione rispetto alla *lalingua* e ne definisce la separazione dai significanti padroni che hanno segnato la sua esistenza. Dalle tracce, lettere senza senso (AVD), marchio della *lalingua* sul corpo, una nuova lettura è possibile solo dopo che si sia realizzata una separazione (*Avdalah*)³, un passaggio, una Passe. Con una nuova lettura degli echi della *lalingua*, si è realizzata la separazione dalla reiterazione dell'Uno del godimento.

L'uso dell'evento di corpo da parte del sognatore: è qui il passaggio chiave. Nel sogno evento di corpo si è realizzato un passaggio, il momento di passe.

³ L'*Havdalah* (ebraico: הַבְּדִילָה) è la preghiera ebraica che si recita al termine dello Shabbat o di alcune festività ebraiche. Il termine esprime la *separazione* tra il periodo sacro e quello ordinario.

Lo real del sexo pone límite a la interpretación

María Hortensia CÁRDENAS - A.M.E.

La pregunta por el límite de la interpretación siempre ha estado presente en mi práctica. Con el sueño particularmente se puede llegar aparentemente a un callejón sin salida, ya sea porque no todos los sueños son para ser interpretados o porque hace falta un tramo más de análisis para disponerse a la interpretación o porque hay resistencia. También podría ser porque se topa con un fuera de sentido, en el que se puede constatar el goce implicado en el sueño, lo cual tiene su interés por los efectos de real que produce, más allá de los juegos del sentido. Un sueño se puede descifrar porque el sueño es un cifrado, un cifrado del inconsciente, no para dar sentido sino para producir goce: esa es la ganancia del sueño, *Lustgewinn* o plus-de-gozar.¹ Por lo tanto, hay un límite tanto en el descifrado, de lo que se fuga del sentido, como en el cifrado en sí debido a que la relación sexual no puede ser cifrada, donde el goce consiste en el cifrado mismo.

Hay que creer en el inconsciente para poder creer que un sueño puede ser descifrado. Pero qué pasa cuando –como dice Lacan en el *Seminario 3*– el inconsciente se presenta a cielo abierto, donde la represión no es evidente. ¿Qué uso poder darle a los sueños en el trayecto analítico cuando un sujeto queda desprovisto del recurso de un discurso constituido?

Un sujeto sueña que estaba abrazado con su madre y él le pedía que lo ayude. De repente siente como una energía, como un rayo que le sube hasta la entrepierna. Dice que no es nada sexual, es solo eso, una energía, que antes ha experimentado. Un S_1 deslocalizado del cuerpo, que no puede nombrar, solo le viene el nombre de su hermana cuando ha tenido esas experiencias. A veces, al pensar en su hermano le surge la frase *mi amor*.

¹ Lacan, J., *Seminario 21*, Les non-dupes errent, clase del 20 de noviembre de 1973, inédito.

PAPERS 6 / Lo real del sexo pone límite a la interpretación

El sueño lo llevó a pensar en el complejo de Edipo. Le pidió a su madre, que es psicóloga, que le explique de qué se trata, necesita una teoría sobre lo que le pasa. Como ella no quiso explicarle, leyó sobre el Edipo en el diccionario de la Roudinesco que tiene su madre. Sueña: *Estoy en su consultorio, más grande y oscuro, con muchos estantes de libros. Quiero preguntarle algo, no recuerdo qué, le muestro el libro de la Roudinesco señalándolo. Usted dice: Eso es.*

Un goce deslocalizado en un cuerpo enigmatizado. El sueño me enseña el tipo de interpretación que es suficiente: el *Eso es*. Él mismo toma a su cargo la interpretación y concluye, lo que introduce un corte con el que se va ordenando y le permite un cierto arreglo de goce. El sueño escribe la interpretación salvaje y no hay cómo avanzar a una interpretación razonada que dé un sentido nuevo.² El saber está puesto en la escritura del sueño y punto. No hay misterio que resolver, cualquier forzamiento interpretativo podría producir mayor perplejidad y angustia.

Vuelve a usar el recurso del sueño para intentar explicarse lo que hace agujero para él. Desde niño sabía que era diferente, pero ser homosexual es una construcción que él hace y le resulta difícil definirse porque lo perturba el encuentro físico con la pareja. Se pregunta si para él la homosexualidad es un capricho o una fijación.

Sueña: *Usted estaba en el consultorio, donde están estos dos librereros había dos puertas iguales, eran puertas de baño, de hombre y de mujer. Una tenía una cartulina con platina roja pegada (la puerta de los hombres), usted asociaba que eran diferentes y me despierto.*

¡Hay diferencia entre los sexos! –le digo.

Sí, supongo, pero no me doy mucha cuenta, para mí son solo dos puertas iguales.

El soñante me enseña que aunque en el sueño soy yo la que asocio que hay diferencia entre el hombre y la mujer, no hay manera de poder inscribirse, no sabe cómo ubicarse en una repartición que no

² Cf. Lacan, J., *El Seminario, Libro 16, De un Otro al otro*, Paidós, Buenos Aires, 2008, p. 182.

PAPERS 6 / Lo real del sexo pone límite a la interpretación

consigue asimilar. Son dos sueños en transferencia con el saber puesto en los libros. El mismo relato del sueño pone en evidencia los límites pero le sirve para ordenarse

No se reconoce en la repartición sexual, y despierta. ¿Qué despierta? “El despertar es uno de los nombres de lo real en tanto que imposible”,³ lo real del sexo pone límite a la interpretación. Por donde se mire, el sentido sexual busca dar sentido a la relación sexual que no tiene ningún sentido. Me pregunto si podemos hablar de despertar en la psicosis si es que la forclusión no permite circunscribir lo real.

³ Miller, J.-A., “Despertar”, *Matemas I*, Manantial, Buenos Aires, 1994, p. 117.